

**PRETAGOGIA E RIMA: A MUSICALIDADE-RAP NO CONTEXTO EDUCACIONAL
CARIOCA**

Ruth G. de Oliveira
*Estudante de mestrado do Programa de Educação
(PROPED/UERJ)*
E-mail: gomesdeoliveiraruth@gmail.com

Seção Introdutória: Flow e batidas: A ideia por detrás da temática

O que pretendo elucidar, são práticas pedagógicas que utilizam o rap, possibilite um currículo e uma pedagogia preta. Para isso, as rimas e batidas da pesquisa, ancoram-se na decolonialidade-projeto, conceito que emerge das ideias de Maldonado-Torres (2018; 2022), em que aponta a importância de reconhecer vozes outras enquanto enunciadora de sentidos, que em sua maioria é de pensamento branco e colonizador. Concomitante na ideia de pretagogia e a afrorreferenciação, expõe-se que evidenciar esses olhares, não se trata de uma outra colonização ou de uma descolonização, como aponta Maldonado-Torres, (2022). Por meio da ideia de decolonialidade e dos tantos projetos escolares, busco na pesquisa, responder a seguinte questão: *Pode o rap como estilo musical, assumir uma proposta de currículo projeto-decolonial pretagógico?*

Por base na significação de pretagogia, responder a tal questão insurge como um movimento de pesquisa que intenciona contribuições do povo ameríndio, preto em diáspora, afro-brasileiros no contexto educacional; não apenas, conversar com um projeto de educação na diferença e a corporeidade preta, que enuncia sentidos envolvendo a subjetividade e particularidade de si sobre si mesmo.

Referencial teórico: fazendo com os outros

Uma pesquisa com ideia de decolonialidade-projeto, musicalidade rap e pretagogia, traça, de certa forma, uma tentativa de dar ênfase aos afros saberes e africanidades (saberes pretos), perpetuadas no imaginário social, como o “outro”, o “marginalizado”, o “selvagem” e de menor ou inexistente importância. Isto mesmo, é o que aponta Gomes (2018), quando discorre sobre a influência do movimento negro no processo de destaque aos saberes posicionados na margem. Elucidando assim a relevância em promover ações curriculares dialógicas às percepções plurais, Gomes (2018), Bento (2002), Munanga (2004), Candau (2023), Silva (2018), chamam a atenção sobre saberes que não estão apenas localizados na universidade, pois ele abrange cotidianos e experiências dos sujeitos.

Nesse sentido, posso articular que enfatizar um pensamento pedagógico decolonial e ações didáticas articuladas ao Rap, é parte do que se coloca como demanda a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História de África e das contribuições da afro-brasilidade. Tal lei é procedente de lutas dos Movimento Negros, professores, pesquisadores, alunos e outros, que pretende dar ênfase às contribuições afro, além disso, desmistificar os estigmas e estereótipos relacionados ao povo preto. Sendo assim, a luta por incluir História de África e cultura africana e afro-brasileira, resultou na criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, visando desconstruir a concepção pejorativa e jocosa envolvendo ser preto e africano, em consonância valorizar as potencialidades e riquezas do povo preto (Bento, 2002, Munanga, 2004, Silva, 2018). Além de outras lutas e conquistas que configuram também um movimento decolonial de currículo, como a implementação de cotas raciais em universidades do país, conforme diz Carvalho (2008).

Se pensarmos nesses movimentos e conquistas, de certa maneira, podemos colocar que esses eventos se trata de uma linguagem para a diferença, e busca não negar o outro – o outro negro, o outro preto, o outro periférico etc. Isto é, pois, o projeto de decolonialidade, articulado por Maldonado-Torres (2018; 2022), como algo que reconhece as implicações e mesmo, criações oriundas do dito centralizador, já que a ideia decolonial é o destaque a relação horizontal: “O giro de-colonial e a de-colonização como projeto não envolvem meramente a dissolução de relações formais de colonização, mas uma oposição radical ao legado e à produção contínua da colonialidade do poder, saber e do ser” (Maldonado-Torres, 2022, p. 66). Neste aspecto, dizendo sobre currículo e a musicalidade-rap, o que é possível defender, é um dançante-Rap, tal qual uma *batalha de rima Rap*, que dança e brinca com as palavras, tensiona um outro reconhecimento, reconhecer esse que norteia a ideia de si sobre si mesmo, sem o aval ou natureza antropológica, onde um outro lhe defina. Igualmente, expor o que estão entre as fendas e o que elas estão produzindo – produções que podem representar a aforreferenciação e a pretagogia, e que podem oferecer destaque aos afros saberes e inventos pretos. De certo modo, é possível afirmar que a musicalidade já é parte de currículos escolares, pois é parte de um saber das Artes, mas quando falamos de musicalidade-rap, a sua lógica, como posiciona Gomes (2018) ao defender ações pedagógicas antirracistas, não deve inquirir uma proposta de excessivos conhecimentos eurocêntricos. Isto porque, as ações antirracistas devem

A partir disso, cabe dizer, que a crítica a cânone que suscita a homogeneidade e denota resistência a flexibilização, envolve o resgate do que foi roubado e saqueado, no qual professores, alunos, movimentos negros, pesquisadores, e artistas como rappers, sambistas etc., já vêm buscando realizar. Para alguns artistas como Emicida, Mv Bill, Mc Sofia, entre outros, a ideia é da ênfase às linguagens produzidas na rua.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa, passará por fases de análise e investigação de propostas pedagógicas que façam uso do rap na educação básica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja modalidade investigativa, intenta o estudo detalhado de fenômenos, a partir de formas variadas. Neste modelo de estudo, de acordo com Losch, Rambo e Ferreira (2023)

O pesquisador pode utilizar diferentes tipos de instrumentos de coleta de dados para captar o fenômeno a ser investigado, e pode fazer uso de várias técnicas de análise de dados qualitativos que podem contribuir no rigor e na qualidade da investigação. Isso se justifica em razão de que, por apresentar um processo metodológico flexível que possibilita triangular os dados de diferentes formas, a análise qualitativa na pesquisa exploratória vem ganhando campo nas investigações (p.3)

Pensando nisso, o meu objetivo é realizar um levantamento e operar os dados de pesquisas sobre a musicalidade rap e produção curricular de professores de escolas públicas municipais do estado Rio de Janeiro atrelado às ideias de decolonialidade-projeto e pretagogia. Esta parte da investigação ajudará na produção teórica e na análise dos dados. Este último lançou-se para encontro com professores, de forma presencial e/ou online, e de uso de entrevistas semiestruturadas com foco na pesquisa. É importante colocar que, para Castro e Oliveira (2022) “a entrevista semiestruturada configura em uma opção profícua de coleta de dados por meio de uma perspectiva descritiva e avaliativa de fenômenos observados em um contexto” (p.42)

Nesse sentido, os questionamentos acionam novos sentidos ao tema da pesquisa, que se enunciarão a partir das falas dos colaboradores. Como pretensão dos encontros com os professores, proponho para entrevista algumas questões (*Anexo I* do projeto) como o foco de analisar, como já ressaltado, as práticas pedagógicas de professores com o uso da musicalidade rap, e se há significação de um currículo decolonial afro e afrodescendente.

Portanto, as etapas e procedimentos metodológicos previstos se darão da seguinte forma: 1) Análise de fontes documentais e bibliográfica (em andamento); 2) Busca por professores que trabalham com o uso do rap nas escolas públicas municipais do estado do Rio de Janeiro - 6º ao 9º ano (andamento). 4) Realização de conversas e entrevistas entre professores; 5) Produção escrita, dissertação, como os resultados alcançados, atentando para os objetivos da pesquisa.

Conclusões

O presente trabalho se sustenta a partir da decolonialidade-projeto, estudando trabalhos docentes, que representam uma alternativa outra, e que façam uso da musicalidade-*rap* no universo escolar. A temática norteia o campo artístico do *rap* e o espaço fronteiriço da educação, decolonialidade e currículo *pretagógico*. É fato que nada disso pretende ser dado como fixo, pois, como já prometido, o que se tenta responder aqui, é se o *rap*, como estilo musical, pode assumir uma proposta de currículo projeto-decolonial/*pretagógico*, interligando a arte musical do *rap*, currículo e escola, como expressividade de uma pedagogia preta, tanto de natureza corporal, lógica e pensante (Ribeiro, 2008), como de natureza discursiva, para outros modos de conhecimento negro e afro – uma pedagogia preta.

Mediante as diferentes desigualdades do qual os sujeitos em situação escolar são/estão imersos; pensar outros sentidos para o currículo e escola com o uso do *rap*, uma vez que a escola opera enquanto espaço de convivência – espaço-territórios – de diferentes significações. Intentando também destacar via *rap* a subjetividade discente em diálogo a voz expressa por quem ocupa o lugar de outrem e passivo.

Referências bibliográficas

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no Racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Parecer CNE/CP 003/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf> Acesso em 02 de maio de 2022.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**, v. 13, n. Especial, p. 678-686, 2020.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e Descolonização: para refundação étnica, racial, epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidades, 2018, p. 89-117.

CASTRO, Elaine de; OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, v. 22, n.3, p. 25-45, 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada. Tradução de Serafim Ferreira, 1961.

FERNANDES, Joseli Aparecida. **“Através do meu canto o morro tem voz”**: O discurso de resistência no rap de Flávio Renegado. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2018.

FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. **Hip-Hop e Educação**: mesma linguagem, múltiplas falas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, 2005.

GOMES, Nilma. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidades, 2018, p. 247-275.

HYGINO, Priscilla. **“PROFESSORA, TOCA AQUELA!”**: funk, afrocentricidade e diáspora africana nas aulas de música na Escola Básica. Dissertação (Mestrado em Música) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Rio de Janeiro, 2021.

LIMA, Jefferson Nascimento. **Disputas sobre a favela na trajetória de MV BILL**. Monografia – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2016.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques de Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, p. 01-18, 2023.

MACHADO, Adilbênia; PETIT, Sandra Haydèè. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. **Revista Exitus**, v. 10, p. 01-31, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidades, 2018, p. 31- 61.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS. **Anais**, Bauru, v. 1, p. 01-10, 2004.

MENDONÇA, Esther Costa. Pretagogia: Contribuições para o Enfrentamento Antirracista. **Revista Augustus**, v.30, n. 57, p. 245- 268, 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Niterói: Editora Uff, 2004.

RIBEIRO, William de Goes. **“Nós estamos aqui!”**: O hip hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial, 2005.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares., **Educar em revista**, v.34, n. 69, p.123-150, 2018.

VENTURA, Wagner Maycron. **DOR LINDA**: Da Pretagogia ao Parangadinkra: Encruzilhando Cosmossensações com Conhecimentos Didáticos Afrorreferenciados. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

VIEIRA, Marcilio de Souza; CRUZ, Josivando Ferreira. Corpo pretagógico em gestação: reflexões sobre pretagogia. **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria. v. 49, p. 01-07 2024.